



Um Ponto Nevrálgico

Johnny Virgil

Tenho pensado muito sobre o que farão do terreno onde havia o antigo prédio da fábrica de gaitas Hering. Primeiro, deixaram que a estrutura ficasse abalada e que o teto cedesse; depois, permitiram que os sem-teto ocupassem o lugar e que os pichadores pintassem desenhos não tão feios nos muros. Algumas pessoas parecem tão preocupadas com o seu mundo de dinheiro e arrogância, que não dão valor às coisas velhas, que enterram a memória em depósitos de lixo. Eu, irônico, poderia perguntar-lhes: são capazes de arrancar a lápide ao filho morto, empurrando os restos para as valas comuns do esquecimento?

Olho para aquele terreno vazio, com alguns destroços e farto em capim, e percebo nele uma grande ambição. A ambição da terra não podemos negar, não podemos fechar os ouvidos a ela. Em suas entranhas, a terra também tem os seus desejos recônditos.

O terreno forma um triângulo. Três importantes vias se cruzam: pessoas que vêm e vão; pessoas que vivem uma vida de sonhos construídos (quem sabe?) de tijolos juntados com o passar dos anos, de formas indistintas, cobertos de musgo, verdes e úmidos; pessoas que se esqueceram de que são pessoas e de que o mundo é livre, aberto, como um terreno baldio – como uma charneca.

Blumenau não tem um monumento aos sonhos dessa terra. Se tiver, não faz jus. Eu proponho, então, que se faça um monumento com os materiais do prédio antigo. Que seja singelo e simples como nossa gente. E que nele haja nele uma urna onde os desejos possam ser armazenados, como se fosse um santuário de memórias que se apagam, que são destruídas por vontades alheias e mesquinhas, que se volatilizam, mas que se transformam na música de uma gaita que invoca a esperança, sempre eterna.